

Revolta no Trombetas

Não foi uma "revolta de bêbados", como quis fazer crer uma parte da grande imprensa.

Foi, isto sim, uma legítima revolta contra as péssimas condições de trabalho existentes no Projeto Trombetas, no

município de Oriximiná. Mais de dois mil operários dela participaram, direta ou indiretamente.

Ao contrário do que muita gente pensa, a classe operária brasileira não ficou dormindo nesses 14 anos, e muito menos durante toda a sua existência. O que acontece é que a sua história, de suas lutas, vitórias, conquistas e derrotas, ainda está por ser escrita. A crônica diária dos acontecimentos quase nada registra a respeito das lutas operárias, e quando o faz, é de uma maneira deformada e parcial, com o propósito deliberado de transformar uma manifestação de protesto contra más condições de trabalho, baixos salários, e repressão, em uma "bagunça de bêbados".

Nos últimos anos, e de uma maneira mais acentuada a partir da RELATIVA liberalização da grande imprensa, tornaram-se do conhecimento público uma série de revoltas populares, marcos significativos do grau de insatisfação popular para com o regime, mas que devido ao ainda embrionário estágio de organização das camadas populares, pouco representam em termos de deixar saldos no que se refere à essa mesma organização dos trabalhadores. Mas fora de qualquer dúvida, elas representam um protesto consciente dos trabalhadores e nas condi-

ções em que ocorreram, eram as únicas possíveis.

Daremos um panorama das condições de trabalho existentes na Mineração Rio do Norte - MRN, projeto destinado à extração, beneficiamento primário, e exportação da bauxita, que é o minério do alumínio. Esse projeto tem como acionista majoritário a Companhia Vale do Rio Doce, e sócios estrangeiros e brasileiros. Fica localizada às margens do Rio Trombetas, no município de Oriximiná.

Para tanto nos utilizamos de depoimentos de trabalhadores, sendo que parte deles já foi publicado na edição do no. 139 do jornal "Movimento" de 27/02/78.

A obra em questão teve durante a maior parte do tempo um contingente de aproximadamente 6.000 trabalhadores, em sua maioria braçais e carpinteiros, re-

crutados nos municípios vizinhos de Óbidos, Alenquer, Oriximiná, Santarém e Monte Alegre, mas encontram-se na obra, elementos de todos os Estados do Brasil. A maior parte desses trabalhadores, principalmente aqueles naturais da região, são lavradores, e foram atraídos pelos constantes anúncios das principais empreiteiras: Construtora Andrade Gutierrez, CONSAG e CEMSA. Nesses anúncios se promete muita coisa: bons salários, excelentes condições de trabalho, possibilidade de se subir na hierarquia, etc.

Lá chegando os trabalhadores encontraram outra realidade. Deixemo-los falar:

"- A gente acorda lá pelas 4 horas da madrugada e só pára lá pelas 9 da noite. A maioria do pessoal trabalha de 14 a 15 horas por dia. Quase todo mundo faz hora extra na esperança de ter um ganho melhor. A gente

vai seco pro trabalho, o café só vai sair lá pelas seis horas. Isso quando se toma o café, pois raramente tem pão, na maioria das vezes é uma borra e o leite. Depois do café a gente volta a trabalhar e vai até as 11 horas sem merenda sem nada".

"- O preparo da comida é sujo, o arroz é cozinhado em panelões grandes e tirado de lá com uma pá. Para colocar na panela é só descosturar o saco e despejar. As bandejas sempre tem restos de comida grudados, são do pessoal que comeu antes que a gente. Tem muita fila para comer, espera-se uns 20 a 30 minutos. O pior é que dentro do refeitório não tem água. Comemos o tempo todo sem água e só dá pra beber depois de terminar pois é proibido sair no meio das refeições. Tem alguns trabalhadores que comem de marmitta, no próprio local de trabalho."

No Projeto Trombetas existem cerca de 300 agentes de "segurança", o que dá uma média de 1 agente para cada 20 trabalhadores. A "segurança" tem um poder muito grande dentro da obra. Nada se faz sem o seu consentimento. Para se circular pela obra, entrar nos refeitórios, etc., é sempre preciso mostrar sua identificação. Não raras vezes os trabalhadores são surpreendidos: "- eles querem que a gente se sinta que nem numa prisão". Além de tudo isso, existe dentro da obra, uma prisão, construída pela MRN, mas administrada pela Polícia Militar. Mas, segundo depoimento de trabalhadores, as prisões são feitas ao menor protesto pela "segurança" da firma e muitas vezes são seguidas de espancamentos. Existem também as revistas a que são submetidos os operários quando de sua entrada no canteiro de obras. Para completar esse quadro resta dizer que os trabalhadores que são da região ficam 45 dias sem ir pra casa, os que são de mais longe quando casados ficam 6 meses, e os solteiros 1 ano.

As condições de trabalho foram se deteriorando até que no domingo, 26/11, estourou a revolta.

EXCLUSIVO

Um operário conta os detalhes da revolta

"No domingo, cheguei por volta das 18 horas no alojamento, não deu pra ver o início. Escutamos um barulho de pedras no refeitório, estavam apedrejando o refeitório, aproximadamente 40 homens que gritavam. Ficamos apreciando de cima do caminhão."

"Depois viemos a saber que um rapaz da CEMSA, que estava meio doente, foi pedir ao vigia para entrar no refeitório sem fazer fila, ele queria comer logo e voltar pra cama. A fila estava muito grande. O vigia disse que não, ele tentou entrar, o vigia não deixou e deu-lhe um baque com a mão e ele caiu no chão, do outro lado do gradeado. O rapaz se levantou e saiu, indo tentar a mesma coisa no refeitório B, onde também foi impedido de entrar. Foi embora de volta para o alojamento e momentos depois a coisa começou."

"Os trabalhadores apedrejaram o refeitório e gritavam contra a segurança e o pessoal da cozinha. Nisso alguém telefonou pra segurança e apareceram 2 carros, um fusca e uma kombi, cheios de agentes. Os carros passam em frente do pessoal e são apedrejados. Param entre os dois refeitórios e tentam enfrentar os operários. Não tiveram condições e correram para dentro, toda a segurança correu e entrou."

"Aí os operários viraram a kombi e o fusca, e tocaram fogo na

kombi. A segurança dessa vez fugiu do refeitório e o pessoal entrou lá dentro e quebrou os pratos, mesas e cadeiras; rasgou a tela que servia de forro. Acabaram com tudo.

"Aí o pessoal saiu do refeitório e veio para frente, onde tinha pedras. Lá ficaram apedrejando todos os carros que apareciam. Veio o Coronel da MRN e sua Veraneio e foi apedrejado, fez que ia descer, mas quando viu as pedras ele se sacou. A maioria do pessoal que estava participando eram da CEMSA, são operários especializados, montadores, soldados, ganham de 10 a 15 mil cruzeiros, alguns deles até mais. Esse pessoal em sua maioria é do Sul, qualquer coisa que não corre direito eles acertam mesmo, exigem mais seus direitos, não vão ficar todo tempo subjugados.

"O pessoal tava muito revoltado com a comida e botava culpa na administração, por isso apedrejou tudo quanto era carro de engenheiro. Eles só são conformados é com peão. Na hora da revolução eles perguntaram: é peão ou o que que é? E se não fosse peão eles apedrejavam. Teve até o Dr. Ricardo que disse que era peão no meio deles. Apesar de eles serem trabalhadores especializados, ganhando muito mais que os braçais, eles conviviam com o resto do pessoal e não iam puxar saco de engenheiros. Dormiam e comiam nos mesmos lugares que o peão. eram amigos do peão.

"Só deixaram chegar perto o Supervisor da CEMSA e assim mesmo porque ficaram sabendo que aquele operário que tinha sido impedido de entrar no refeitório estava preso e agora os operários queriam que ele fosse solto. A revolução nessa hora era para soltarem o cara. O Supervisor prometeu que iria soltar o cara e enquanto ele foi buscá-lo o pessoal botou fogo na "marola", que é uma casa de diversão que tem dentro da obra, tem bilharito, refrigerante, cigarros, e confections, tudo pago, claro..."

"O Supervisor voltou trazendo também o carro-pipa para tentar apagar o incêndio, mas o povo não deixou, foi pedra em cima de todo mundo, inclusive no Supervisor que depois não mais conseguiu falar com o pessoal.

"Quando deu uma da madrugada a segurança voltou armada, mas antes os trabalhadores também tocaram fogo no escritório da CONSAG. A segurança chegou atirando pra cima, encostaram o cano da arma na barriga de muita gente. Aí fizeram o pessoal entrar em fila e prenderam todos aqueles que estavam com a mão vermelha, pois isso era sinal de que estavam atirando pedras: Prenderam uns trinta operários mas tinha mais de 2.000 peões assistindo e batendo palma, incentivando. Se não se fez essa revolução antes, é porque temos medo. O pessoal da CEMSA não tem medo. Na

nossa frente o pessoal da segurança não bateu em ninguém, mas falei com um rapaz que estava na cadeia e ele me disse que passou 12 horas sem comer e sem beber e os que continuavam presos iriam ficar 3 dias nessa condição. Dormindo no cimento, na cadeia da firma.

"Na 2a. pela manhã, 27/11, chegou o búfalo da FAB com 30 soldados que ficaram armados tomando conta dos refeitórios. Estamos comendo de marmitta no meio da rua, no sol. Na 2a. mesmo, muita gente não foi ao serviço e os engenheiros fizeram muitas perguntas, queriam saber o motivo da falta e botaram o nome do pessoal numa lista.

"A firma emitiu um papel pedindo paz, dizendo que era pra gente ter calma que eles iriam melhorar a comida e que era pra gente não seguir os desordeiros nem entrar em revoluções"

Bem, aqui chegamos ao fim do relato, a grande lição é uma só: com trabalhadores decididos a conquistar melhorias em suas condições de trabalho não há quem possa. Nem coronéis em Veraneios, nem segurança, nem promessas. O pessoal só parou à força de armas e mesmo assim depois de conseguir a libertação do companheiro detido e de expressar seu descontentamento. Vai-se aguardar os acontecimentos para se ver o que fará a firma. Quais serão suas represálias?